

TEXTO III

NOTA AOS COLABORADORES DO CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS*

Agradeço aos colaboradores do Centro de Estudos Geográficos o carinho e o afecto com que me trataram durante a minha doença e aproveito para lhes fazer notar que existem maneiras “científicas” de testemunharem o apreço que têm por mim; principalmente não me contrariando nos seguintes pontos:

1. Considero o meu fraco conhecimento da língua alemã como *a mais grave lacuna da minha preparação científica*: quantos são os que fazem um esforço sério para ao menos aprenderem a ler esta língua, onde seja qual for o tema ou a região estudada, se encontra sempre bibliografia *fundamental*?!

2. Para mim (e portanto para os que se considerem meus discípulos) a Geografia é *una*. Todos os que preparam um doutoramento sabem que ele comporta uma prova de Geografia física: ora só se aprende uma ciência praticando-a. Há um ensino ao nível escolar e funcionam dois seminários ao nível post-escolar. Quantos são os que, deliberadamente, voltam as costas a esta outra face da Geografia – a única por onde se pode adquirir uma verdadeira formação de geógrafo?!

3. Pelo contrário, os poucos que se dedicam especialmente à Geomorfologia sentem-se dispostos a dar alguma atenção ao aspecto climático, biogeográfico e humano das regiões onde respectivamente trabalham?! Não desejo impedir a especialização de cada um, mas tenho o dever de manter a unidade e a coesão científica do nosso agrupamento.

4. Por várias vezes, examinando as necessidades e as lacunas da Geografia entre nós, notamos a falta de quem se dedique à Climatologia e à Biogeografia. Quem está disposto a fazer o esforço de aprender um pouco de Meteorologia ou de Botânica práticas para poder dedicar alguma atenção a estes ramos, essenciais numa Geografia integral?!

5. Os que preparam teses tenham em conta que, se elas têm de ser um trabalho com nível, devem ser elaboradas num período de 6 anos, para os que são assistentes (com mais razão para os que têm liberdade total). As teses ante-

* Este texto foi redigido em 1968.

riores, todas elas fundamentais na respectiva bibliografia, não excederam, ou pouco excederam, esse tempo de preparação. A sobrecarga docente é hoje maior? Também o número de docentes é maior e as facilidades materiais são incomparavelmente superiores. Desaprovo inteiramente a fórmula das teses francesas, de 800 a 1500 páginas, que levam 15 a 20 anos a preparar e que são muitas vezes ilegíveis pela extensão. Uma tese deve ser de 200 a 300 páginas e deve poder preparar-se em meia dúzia de anos. Quem estará disposto a ter em conta esta advertência?!

Na dúzia de pessoas que constituem o pessoal científico do Centro, cinco conquistaram a sua autonomia científica ao nível do professor ou de doutor (incluindo os dois que estão à bica). Agradeço a estes a colaboração, na base do perfeito entendimento científico e humano que têm dado ao Centro, que é afinal, *criação permanente* de todos os que aqui trabalharam e trabalham; relevo especialmente os que, não sendo geógrafos, se integraram, de maneira exemplar, no nosso agrupamento, trazendo-lhe o inestimável contributo do seu saber em ciências fronteiriças.

Dentro dessa dúzia, sete têm menos de 30 anos (ou pouco mais): o que, se por um lado é também *exemplar* – no sentido da demonstração de que constituímos um grupo aberto e renovado e não uma *púrria* ou uma associação de “sócios fundadores” – difere, por outro lado, o limite de idade que a mim próprio tinha fixado.

É um prazer trabalhar com todos, mas tenho também de acabar, antes da decrepitude, o que só eu poderei fazer. Neste sentido, o tempo subtraído à minha obra pessoal é um sacrifício, embora o aceite com gosto. Talvez fosse maneira de corresponder a ele não me contrariando quando não for possível rebater as minhas insistências.

Agradeço, mais uma vez, aos meus amigos e companheiros de trabalho a atenção que derem a estas advertências de “decano”, que estimaria não ter de repetir. A razão delas está, por um lado, em convicções profundas adquiridas na experiência de quarenta anos de estudos de Geografia, por outro no apreço e no afecto que a todos dedico. Respeitando embora a personalidade de cada um, parece-me importante ter chamado a atenção para os pontos acima enunciados.

E com isto me despeço. Muito cordialmente vosso,

Lisboa, 30 de Setembro de 1968,
Orlando Ribeiro